

Um Telegrama Estranho

UM grupo de escritores de S. Paulo mandou um telegrama ao acadêmico Peregrino Júnior, presidente da União Brasileira de Escritores em que, entre outras coisas, diz: «Consideramos a interpretação adotada pela UBE carioca relativamente a antologias como contrária a normas tradicionalmente aceitas pelo direito luso-brasileiro e prejudicial à coletividade patricia, especialmente estudantina, além de lesar escritores antológicos».

O que a UBE carioca pretende é muito simples: que o escritor, que tem um trabalho seu incluído em uma antologia, receba alguma coisa por isso. Que editôres sejam contra, é natural. Mas que escritores também sejam contra, isto me deixa perplexo. Dá para desconfiar de que alguns assinaram sem pensar, enquanto outros promoveram o telegrama a serviço de editôres. Vamos supor que amanhã eu resolva fazer uma antologia do humorismo brasileiro contemporâneo; pego umas coisas do Aporelly, outras do Vão Gôgo, os melhores «Amigos da Onça» do Péricles, cinco ou seis páginas do Borjalo e nem preciso mais. Levo o livro ao editor e recebo meus direitos como «autor» da antologia. Os autores de verdade não receberão nada. Se reclamarem, eu lhes direi que eles estão contra a tradição e... contra a classe estudantil.

Ainda bem que, no caso, o Código Civil já protege o direito do escritor. O que a UBE está querendo é apenas fazer valer esse direito. A mim já me aconteceu ter crônicas transcritas em antologia sem que o editor nem me pedisse licença nem sequer tivesse a gentileza de me mandar um exemplar, para que eu soubesse da «honra». Se não processsei nenhum editor é que, ao contrário do invicto marechal Lott e do «vem-aí» Jânio Quadros, não gosto de mover processos. Mas é para isso mesmo que existe uma associação de classe, para defender os direitos do escritor sem que ele tenha de brigar pessoalmente com o editor. Se um editor me publica um livro eu não vou lhe exigir a contagem dos exemplares. Confio nele. Mas se a União dos Escritores se encarrega de controlar a tiragem, acho isso ótimo, exatamente porque é impessoal e não pode fazer mal algum ao editor honesto.

Quanto às «normas tradicionalmente aceitas pelo direito luso-brasileiro», elas são exatamente o que existe de pior. E' precisamente para acabar com esse tipo de «tradição» que deve servir a UBE.

E quanto à classe estudantil, seus inimigos não serão jamais os escritores, mas os editôres que enriquecem vertiginosamente à custa do livro didático, de consumo obrigatório...